



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DIALÉTICA

JURUMENHA, Lindelma Taveira Ribeiro.¹
Universidade Regional do Cariri – URCA
lindelmafisica@gmail.com

FERNANDES, Manuel José Pina²
Universidade Regional do Cariri – URCA
e-mail: profmanuelfernandes@gmail.com

A formação de professores tem sido alvo frequente de discussões no meio acadêmico e nos cursos de formação. Seja pela formação que se recebe nas universidades, ou pela valorização dos profissionais mais experientes que estão nas escolas, nossas práticas pedagógicas são o alvo dessas discussões.

Este artigo busca retratar as discussões e reflexões realizadas no seio de um grupo de estudo sobre a formação de professores, na Universidade Regional do Cariri, com ênfase principal e tentando responder as seguintes questões: Que formação os alunos da Pedagogia estão recebendo? Estão sendo preparados para serem pedagogos ou para serem professores? Ou, ainda, não estão sendo preparados para nenhuma das duas alternativas? É tentando responder a essas e outras questões que nossas discussões estão pautadas e vem sendo trabalhadas tendo como embasamento teórico a produção intelectual de António Nóvoa que vem discutindo a importância de se rever a formação dos professores. Segundo Nóvoa (1999, p.10):

É impossível imaginar alguma mudança que não passe pela formação de professores. Não estou a falar de mais um “programa de formação” a juntar a tantos outros que todos os dias são lançados. Quero dizer, sim, da necessidade de uma outra concepção, que situe o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores ao longo dos diferentes ciclos da sua vida.

Tentando fazer uma maior aproximação entre a teoria que nos é repassada na universidade, a formação proposta por Nóvoa e a prática vivenciada em sala de aula, no chão da escola, foi proposto que se fizesse uma observação em uma escola, para ver como e até onde as nossas discussões estão retratando a realidade

¹ Graduanda no Curso de Pedagogia da URCA e bolsista de IC/CNPq.

² Professor Dr. no Departamento de Educação da URCA. Coordenador do Grupo de Estudo sobre Formação do Professor e Líder do Núcleo de Pesquisa dos Movimentos Sociais e Educação – NUPEMSE.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Com base nessa proposta e buscando fazer essa ponte entre a teoria e a prática, trazemos o relato de uma experiência vivenciada em sala de aula de uma escola da nossa região. De acordo com Nóvoa (2011, p.19):

(...) as instituições de formação de professores ignoram ou conhecem mal a realidade das escolas, especialmente do ensino fundamental. É fundamental assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino se tornem visíveis, do ponto de vista profissional e científico.

Tivemos a oportunidade de vivenciar a experiência em uma visita a uma Escola de Ensino Fundamental, cujo objetivo foi observar como ocorrem as situações plurais em sala de aula no que se refere ao ensino-aprendizagem e aos agentes envolvidos. A escola, localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE, foi campo de observação, pois se inseria no proposto pelo grupo de estudo, e trouxe uma ajuda significativa na formação do nosso conceito sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula.

Acreditando que o ambiente físico tem interferência sobre essas práticas e ações, percebemos que as condições físicas da escola estão dentro de um padrão considerado normal para os fins a atingir permitindo uma prática satisfatória da docência e da aprendizagem.

A observação foi realizada na aula da professora titular numa sala de 3º ano, onde esta fazia a revisão da matéria para a prova de matemática que seria aplicada na semana seguinte. A professora demonstrou ter domínio do assunto e da matéria que estava lecionando. A explanação do assunto estava sendo realizada com o auxílio do livro didático, e exigia a elaboração de cálculos com a ajuda dos alunos que procuravam a solução. A sala conta com vinte e dois alunos, destes, uma aluna é portadora da Síndrome de Down e tem o acompanhamento de uma cuidadora.

Os alunos estavam curiosos com a nossa presença, mas isso não interferiu no andamento da explicação da professora. Quanto à relação professor/aluno pudemos perceber um clima de respeito entre as partes, o que nem sempre é visto nas salas de aula.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

No horário do intervalo tivemos a oportunidade de conversar com a professora e abordar assuntos como sua formação, sua metodologia de trabalho e suas dificuldades. Quando questionada sobre a sua formação, esta afirmou que estava no sétimo semestre de Pedagogia e era professora temporária na escola, mas que já tinha lecionado na rede particular. Afirmou também que, quando chegou à instituição, os alunos eram acompanhados por duas professoras: uma nas segundas e terças e outra nas quartas, quintas e sextas. Estas estavam para se aposentar o que justifica essa divisão de horários. Perguntada sobre a formação que recebe na faculdade, esta fez questão de deixar claro que a universidade não lhe dá o suporte prático necessário que se exige em sala de aula. Em suas palavras, afirmou:

Além de professora, sou mãe, amiga, psicóloga, dou carinho, amor e afeto... as crianças são muito carentes em relação a esses sentimentos! A faculdade não me ensina como lidar com isso. A teoria é muito bonita, mas a prática é totalmente diferente. A faculdade não ensina a você ser professor!

Essa fala da professora sustenta o que Nóvoa traz em seu discurso (1999, p. 7):

A escola e os professores não podem colmatar a ausência de outras instâncias sociais e familiares no processo de educar as gerações mais novas. Ninguém pode carregar aos ombros missões tão vastas como aquelas que são cometidas aos professores e que eles próprios, por vezes, se atribuem.

Quando perguntada das dificuldades que enfrenta, afirmou: “São várias, mas as principais são: a falta de participação dos pais no processo educativo, e o desinteresse dos alunos. Na realidade é o que mais se vê nas escolas públicas de hoje, não é?”

Essa afirmação corrobora o pensar de Nóvoa (1999, p.9) que diz:

(...) O século XX foi aquele em que mais se investiu afectivamente nas crianças, mas foi também aquele em que elas mais tempo passaram separadas das famílias. Adquiriu-se uma noção muito nítida da importância da educação, ao mesmo tempo que as comunidades foram abdicando da sua função educativa.

Ao falar de sua metodologia ela disse que procura, dentro das condições, fazer o possível para que as crianças tenham aulas de campo, assistam a filmes, e que



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

procura sempre trabalhar de forma que não caia na monotonia educativa. Essas palavras nos ajudam a acreditar em Nóvoa (2011, p.21) quando afirma: “Não é possível preencher o fosso entre os discursos e as práticas se não houver um campo profissional autônomo, suficientemente rico e aberto”.

Terminadas as perguntas e também o intervalo das crianças, a professora nos entregou o seu caderno de planejamento para que nós pudéssemos ver como suas aulas são organizadas e os métodos que utiliza na realização das práticas em sala de aula. Pudemos perceber que ela segue o livro didático, mas que também utiliza outros meios na elaboração de suas aulas teóricas e práticas, como as referidas aulas de campo e os filmes que são apresentados.

Trazer essa experiência para dentro do grupo de estudo trouxe-nos reflexões que até então só haviam sido discutidas na teoria. Lendo e analisando os textos de Nóvoa atingimos um nível de discussão que objetiva refletir sobre o que é a formação de professores, para que entendamos como eles estão chegando às escolas. Discutir práticas é também aproximar-se da realidade educacional vivenciada pelos professores. Segundo Nóvoa (2011, p.22):

As perguntas sucedem-se. Será que, hoje, muitos professores não são bem menos reflexivos (por falta de tempo, por falta de condições, por excesso de material pré-preparado, por deslegitimação face aos universitários e aos peritos) do que muitos dos seus colegas que exerceram a docência num tempo em que ainda não se falava do “professor reflexivo”?

Voltar a uma sala de aula como futuro docente foi muito proveitoso, pois pudemos lançar um olhar diferenciado daquele que tínhamos quando fazíamos parte de um grupo de alunos do ensino fundamental dessa mesma escola. Hoje, dez anos depois, esse olhar só foi possível graças a esse novo momento que vivenciamos sobre a formação inicial de professores e que nos proporciona ir traçando caminhos para a nossa futura prática profissional.

Referência Bibliográfica

NÓVOA, António. **O Regresso dos Professores**. Oeiras, 2011.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Lisboa, 1999.